

## De Walter White a Heisenberg: as identidades pós-modernas do personagem principal da série Breaking Bad

*From Walter White to Heisenberg: the postmodern identities of the main character in the Breaking Bad series*

Samuel Amaral Veras BONIFÁCIO<sup>1</sup>  
Suelly MAUX<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo analisa a transformação do personagem principal da série Breaking Bad, o professor de Química Walter White, ao longo dos sete episódios da primeira temporada. Utilizando os conceitos de corrosão do caráter, de Richard Sennett; de modernidade líquida, de Zygmunt Bauman; de crise de identidade, de Stuart Hall; e de mal-estar da civilização, de Sigmund Freud, busca-se demonstrar que a série é permeada de elementos da pós-modernidade, especialmente no que concerne aos processos de crise e autoconstrução da identidade do personagem principal: do pacato professor de Química Walter White, ao inescrupuloso produtor de metanfetamina Heisenberg – duas identidades contraditórias que convivem numa mesma pessoa, marcada pelas punções da pós-modernidade.

**Palavras-chave:** Breaking Bad. Pós-modernidade. Modernidade líquida. Identidades pós-modernas. Crise de identidade.

### Abstract

This paper analyzes the transformation of the main character of the Breaking Bad series, Chemistry Teacher Walter White, throughout the seven episodes of the first season. Using the concepts of character corrosion, by Richard Sennett; of liquid modernity, by Zygmunt Bauman; of identity crisis, of Stuart Hall; and discontents of the civilization by Sigmund Freud, it is sought to demonstrate that the series is permeated by elements of postmodernity, especially in what concerns the processes of crisis and self-construction of the identity of the main character: the peaceful professor of Chemistry Walter White, to the unscrupulous methamphetamine producer Heisenberg - two contradictory identities that coexist in the same person, marked by punctures of postmodernity.

**Keywords:** Breaking Bad. Postmodernity. Liquid modernity. Postmodern identities. Identity crisis.

---

<sup>1</sup>Graduando do Curso de Jornalismo da UFPB. E-mail: samuel.amaral95@gmail.com

<sup>2</sup>Professora Doutorado Dejour/UFPB. Orientadora do trabalho. E-mail: suellymaux@gmail.com

## Introdução

*Breaking Bad* é um dos produtos midiáticos mais aclamados da contemporaneidade. Criada pelo produtor, roteirista e diretor Vince Gilligan, a série foi ao ar pela primeira vez nos Estados Unidos em 20 de janeiro de 2008, pelo canal a cabo ACM; seu final foi exibido em 29 de setembro de 2013, totalizando cinco (5) temporadas. Hoje, *Breaking Bad* é uma das séries mais vistas do serviço de *streaming* Netflix, onde pode ser encontrada na sua versão completa (BRASILIANSE, 2015, p. 38).

Ambientada na cidade de Albuquerque, Novo México, *Breaking Bad* gira em torno da figura de Walter White (Bryan Cranston), um professor de Química do Ensino Médio, que no tempo livre, trabalha num lava-jato para complementar a renda familiar, já que sua esposa Skyler (Anna Gunn), está grávida e desempregada, e seu filho adolescente, Walter Júnior (RJ Mitte), tem paralisia cerebral.

Já no primeiro episódio da série, Walter descobre que está com câncer de pulmão. Diante de tal diagnóstico, pensando no sustento financeiro da família caso venha a falecer, ele decide usar de seus conhecimentos de Química para fabricar metanfetamina, uma droga sintética bastante consumida na região de Albuquerque. Para tanto, Walter conta com a ajuda de um ex-aluno seu, Jesse Pinkman (Aaron Paul), conhecedor dos meandros do tráfico local, para comercializar a droga.

Inicialmente retratado como um homem comum, com uma vida medíocre, Walter White se transforma em Heisenberg –codinome que ele assume no mundo do crime, como produtor de metanfetamina mais procurado do Novo México, capaz de tudo para expandir seus negócios ilícitos. Essas duas identidades contraditórias, Walter White e Heisenberg, convivem num mesmo personagem.

A escolha de *Breaking Bad* como objeto de estudo deu-se pela sua relevância enquanto produto midiático aclamado pelo público e pela crítica especializada, como ficará demonstrado ao longo do presente trabalho. Este artigo preza pela análise da transformação do personagem principal, sob a ótica dos processos de construção da identidade dos quais falam Hall (2006), Bauman (2000) e Freud (1930), restringindo-se aos sete primeiros episódios, que compõem a primeira temporada da série.

## 1 Um homem em transformação

Muitos são os fatores que explicam o sucesso de público e crítica de *Breaking Bad*.<sup>3</sup> e acordo com a jornalista e crítica de TV estadunidense Maureen Ryan (2013), além da estética da série (direção, fotografia, figurinos etc.), do enredo instigante e do excelente trabalho dos atores, “a narrativa criada por Vince Gilligan [...] consegue se sobressair e apresenta ao telespectador algo inédito na televisão norte-americana: a **transformação de um homem**” (FIGUEIREDO, 2014, p. 29, grifo nosso).

A transformação do pacato Walter White no inescrupuloso Heisenberg – duas identidades contraditórias que convivem num mesmo personagem – fica evidente ao longo de toda a primeira temporada de *Breaking Bad*. Transformação, aliás, é o objeto de estudo do personagem. Professor de Química, Walter, logo nos primeiros minutos da série, dá a seguinte explicação a seus alunos:

Química é ... Bem, tecnicamente Química é o estudo da matéria. Mas eu prefiro encarar como o estudo da transformação. Pensem uma coisa... Elétrons. Eles... mudam seus níveis de energia. Moléculas, alteram suas ligações, certo? Elementos. Eles se combinam e se transformam em compostos. Isso faz parte da vida, certo? É uma constante, é o ciclo. É solução, dissolução, infinitamente. É crescimento, declínio e transformação. É fascinante.

Essa cena traça um claro paralelo do objeto de estudo do personagem com as transformações pelas quais ele passa já ao longo do primeiro episódio da série, intitulado *Piloto*.

A primeira grande transformação é a idade do personagem. Walter (ou Walt, como é chamado pelos mais íntimos), faz 50 anos sem ter muito o que comemorar. De

---

<sup>3</sup> “Em suas cinco temporadas de existência colheu nada mais, nada menos, do que 230 indicações e 118 prêmios em diferentes categorias. Os prêmios mais importantes que a série recebeu foram o Emmy de ‘Melhor Série Dramática’ em 2014 e o Golden Globe Awards de ‘Melhor Série Dramática Televisiva’ também em 2014. Foi considerada uma das mais bem escritas séries de TV, ficando na 13ª colocação entre as 101 séries da lista feita pela Writers Guild of America (WGA). Na edição de 2014, entrou para o Guinness World Records, o Livro dos Recordes, como a série mais bem avaliada em toda a história, graças ao site ‘MetaCritic.com’ onde a série *Breaking Bad* atingiu incríveis 99 pontos dos 100 possíveis (ANDRADE; PAULA, 2016, p. 5-6).

cara, percebemos que seu talento para Química é completamente desperdiçado. Numa das paredes da casa, Walter olha com nostalgia para a placa condecorativa do prêmio Nobel, dado a ele em 1985, por liderar pesquisas envolvendo prótons. Ela está escondida em meio a retratos e cartolinas com motivos infantis.

Walter ganha a vida dando aulas de Química no Ensino Médio, na escola local, durante o período matutino. À tarde, faz bico num lava-jato, onde sofre constantes humilhações de seu chefe e dos clientes; alguns deles, seus alunos. Nesse contexto,

Breaking Bad tem exemplos muito próximos da corrosão do caráter de que fala Richard Sennett (1999). Vale ressaltar que, para o sociólogo, o capitalismo, com suas rotinas de trabalho exageradas e fatigantes, causa ansiedade nos sujeitos por não saberem se terão sempre emprego e, especialmente, por perderem noções de mérito, reconhecimento e dignidade, pois não há valor pessoal, é a mercadoria e o capital que estão em primeiro lugar (BRASILESE, 2015, p. 44),

O caráter de alguém, ainda de acordo com o Sennett (1999),

depende de suas ligações com o mundo. Nesse sentido, “caráter” é um termo mais abrangente que seu rebento mais moderno “personalidade”, pois este se refere a desejos e sentimentos que podem apostemar por dentro, sem que ninguém veja.

O termo caráter concentra-se sobretudo no aspecto a longo prazo de nossa experiência emocional. É expresso pela lealdade e compromisso mútuo, pela busca de metas a longo prazo, ou pela prática de adiar a satisfação em troca de um fim futuro. Da confusão de sentimentos que todos estamos em um momento particular, procuramos salvar e manter alguns; esses sentimentos sustentáveis servirão a nossos caracteres. Caráter são traços pessoais que damos valor a nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem (SENNETT, 1999, p. 10).

No entanto, a própria família não dá o devido valor a Waltere à sua inteligência. Assim, ele tem a subjetividade de seu caráter corrompida tanto nos ambientes laborais quanto no âmbito familiar. Um exemplo disso se dá na sua festa de aniversário, ainda no episódio *Piloto*, na qual o professor fica de lado, e seu cunhado Hank (Dean Norris) é o centro das atenções. Usando um tom de brincadeira, Hank propõe um brinde para celebrar mais um ano de vida de Walt: “Walt, você tem o cérebro do tamanho de

Winscosin.<sup>4</sup> Mas não vamos usar isso contra você. Mas seu coração está no lugar correto. A gente te adora”. O aniversariante fica desconcertado por sua inteligência, constituinte do seu caráter, não ser valorizada pelos outros, mas ser motivo de piada.

Na sequência dessa cena, Hank, que é um policial bem-sucedido, membro do departamento de combate a entorpecentes da Polícia de Albuquerque (DEA), pede que liguem em determinado canal de TV. Ele aparece numa reportagem do jornal local comandando uma grande apreensão de metanfetamina e muitos dólares num laboratório clandestino. Walter se impressiona com a quantidade de dinheiro movimentada pelo tráfico em Albuquerque, e Hank convida-o para acompanhar uma das operações, sem perder a chance de humilhar novamente o cunhado, ao afirmar que a invasão a um laboratório de metanfetamina iria “animar a vida” de Walt, marcada pelo tédio e pela falta de propósito.

Walter tanto poderia ser considerado um homem “de bem” (de classe média, pai de família, morador do subúrbio, que paga seus impostos e tem uma vida modesta), quanto um típico *loser*(perdedor, em inglês). Para piorar, Walter é diagnosticado com câncer no pulmão, mas decide não revelar para sua família. Ele teme deixar a esposa com a filha recém-nascida e o filho com paralisia sem recursos para sobreviver. A descoberta da enfermidade constituirá um ponto de virada na vida do professor.

## **2 Tudo que é sólido se desmancha no ar**

Como Walter explanou em seu discurso apaixonado transcrito no tópico anterior, a “química é o estudo da transformação”. Uma dessas transformações, a mudança de um estado físico de sólido para líquido, foi utilizada como metáfora pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman para captar a natureza do estágio contemporâneo da modernidade, chamada por ele de *Modernidade Líquida*.

Em seu livro homônimo, Bauman explica que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos e, quando o são, adaptam-se à forma do recipiente que os limita. No entanto, pela menor brecha que haja, eles escorrem, fluem, respingam, transbordam, vazam. São extremamente voláteis, maleáveis, e, portanto, leves.

---

<sup>4</sup>Estado norte-americano.

De acordo com Bauman, a Modernidade, desde sua gênese, reclama a fluidez; o derretimento dos sólidos era sua principal reivindicação. Marx e Engels, em *O Manifesto do Partido Comunista*, cunharam a frase “tudo o que é sólido se desmancha no ar”, refletindo o anseio dos modernos de derreter as antigas estruturas que representavam a ordem anterior: a tradição, os preconceitos, a moral, a religião, o Estado, as classes sociais etc.

Posteriormente, “os poderes que liquefazem passaram do ‘sistema’ para a ‘sociedade’, da ‘política’ para as ‘políticas da vida’ – ou desceram do nível ‘macro’ para o nível ‘micro’ do convívio social” (BAUMAN, 2000, p. 14). Ou seja, os indivíduos também foram liquefeitos, libertos dos antigos grilhões da Modernidade.

A doença de Walter foi uma espécie de liquefação para ele. Ao se descobrir com câncer, o professor se viu sem os antigos referenciais, as âncoras, que realmente poderiam ajudá-lo: sua família, amigos, o trabalho. A modernidade líquida é uma “versão individualizada e privatizada da modernidade, e o peso da trama dos padrões e da responsabilidade pelo fracasso caem principalmente sobre os ombros dos indivíduos” (BAUMAN, 2000, p. 14).

A pretensa solidez da vida de Walter, com seu emprego, sua família, sua casa, seus “grupos de referência”, nas palavras de Bauman (2000) – embora medíocres – foram derretidos pelo câncer e pelo ingresso de Walter na produção e tráfico de metanfetamina. Esses dois eventos foram, para o professor, sua benção e maldição, como fala Bauman (2000), na medida em que o emanciparam das estruturas às quais estava submetido – ainda que Walter tivesse o intuito de juntar dinheiro para o sustento da família quando viesse a morrer. Aliada ao câncer, a Química o “transforma, tanto na forma literal, ao aplicar seus conceitos e misturar elementos que geram um produto consumido por viciados em drogas, quanto filosoficamente, quando leva a sério a mudança de lugar no mundo, da ordem para desordem” (BRASILIANO, 2015, p. 42).

O ingresso de Walter nos meandros da produção de metanfetamina se deu quando Hank cumpriu a promessa de dar mais emoção à vida do cunhado e levou-o para a operação policial que visava fechar um laboratório da droga. Lá, Walter vê em fuga um ex-aluno seu, Jesse Pinkman. É a ele que o professor vai propor a abertura de outro

laboratório dos “cristais”, como é chamada a metanfetamina: Walter cuidaria da produção e Jesse da distribuição, do tráfico.

Liquefeito, “no mundo fora das regras da ordem, Walter White ‘chuta o balde’” (BRASILIANO, 2015, p. 42), termo aportuguesado para traduzir o título da série, pois

Break bad é uma expressão coloquial utilizada na região sul dos Estados Unidos, e é aplicada quando uma situação dá errado ou quando alguém muda de comportamento e passa a ser cruel. O termo também é usado quando um indivíduo toma atitudes momentâneas que expressam raiva e insatisfação. Com isto, o título de Breaking Bad carrega o valor dos eventos exibidos e, principalmente, do modo de agir de Walter White, o qual vivencia conflitos que o levam a se corromper sem chance de remissão (PERIPOLLI, 2015, p. 57).

Estar no submundo da produção e, posteriormente, do tráfico de drogas, faz com que Walter tenha que sucessivamente reconstruir sua identidade, seu papel social. Seu “processo de autoconstrução individual está endêmica e incuravelmente subdeterminado, não está dado de antemão, e tende a sofrer numerosas e profundas mudanças antes que esses trabalhos alcancem seu único fim genuíno: o fim da vida do indivíduo” (BAUMAN, 2000, p. 14) – e o fim da vida de Walter estava previsto para dois anos, desde o recebimento do diagnóstico, mesmo com os tratamentos quimioterápicos.

### **3 Encontro de dois mundos**

Esse processo de “autoconstrução individual” a que se refere Bauman (2000) é denominado de “crise de identidade” por outro sociólogo, Stuart Hall. Essa crise “é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2005, p. 7).

Uma das concepções de identidade conceituadas pelo autor é a do chamado sujeito sociológico, que

refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com as “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava [...] De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2006, p. 11).

Nos episódios da primeira temporada de *Breaking Bad*, vemos que o perfil de Walter se encaixa muito bem na descrição de Hall (2006). Ele ainda tem um núcleo autônomo, uma essência, que é a sua identidade de professor, pai de família, respeitador das leis. No entanto, o “eu real” de Walter se modifica com a interação de Jesse Pinkman, seu completo oposto. É Jesse que vai mediar para Walter as realidades do mundo da produção e tráfico de metanfetamina, no qual ele tinha experiência.

Nesse sentido, Jesse apresenta para Walter dois traficantes experientes, Krazy-8 e Emílio. Este já havia sido sócio de Jesse, mas foi preso por Hank na operação que fechou o laboratório de metanfetamina. Os dois criminosos ficam impressionados com a qualidade da droga produzida por Walter, com um nível de pureza que chega a 99%, e querem aprender a “receita” do químico.

Enquanto “cozinha” os cristais de metanfetamina, Walter atenta contra a vida dos traficantes atacando-os com fosfina, um gás altamente tóxico que, quando aspirado, pode levar à morte. É o que acontece com Emílio; Krazy-8, contudo, consegue sobreviver, e Jesse e Walter terão que lidar com esse problema juntos.

Ao mesmo tempo em que Jesse apresenta a Walter o submundo da metanfetamina, Walter relembra ao aluno elementos de seu mundo: conceitos de química que serão fundamentais para lidar com o problema causado por Krazy-8 e Emílio. Nessa interação, “intermediação de culturas”, nas palavras de Hall (2006), o professor indica que Jesse deve se livrar do corpo de Emílio usando ácido hidrófluorídrico. Walter, por seu turno, fica encarregado de dar cabo à vida de Krazy-8, rompendo definitivamente a linha tênue que o confrontava com os valores morais, éticos e legais nos quais sua identidade estava ancorada anteriormente.

## 3.1 Identidades que se chocam

Walter segue a primeira temporada tentando esconder da família o seu câncer. Seu “eu real” continua apegado a solidez da instituição familiar, para a qual quer deixar recursos financeiros após a morte; ao mesmo tempo, sua interação com o mundo da produção e tráfico de drogas que o levou até a matar duas pessoas modifica sua essência. Ele rompe a parceria com Jesse, por não suportar o peso das mudanças que se abate sobre sua identidade de pai de família obediente às leis.

No terceiro episódio da primeira temporada, *Cancer Man*, Walter noticia à sua família que está com câncer, ao mesmo tempo em que recusa o tratamento quimioterápico. Ele está inconscientemente reconhecendo que essa é uma decisão do âmbito privado, individualizado; sabe que, na modernidade líquida, tudo corre por conta do indivíduo.

Walt não transgide nenhuma norma moral por preferir uma vida curta com qualidade e nisso ainda conta o fato de seu sentido ético – da pergunta “que vida quero viver?” - estar vazio de qualquer sentido existencial. Acontece que, por ser a família desde o princípio sua maior preocupação, a decepção de Skyler e Walter Jr. por sua pouca vontade de viver o afeta de tal forma, que faz Walt ceder e concordar com a quimioterapia. É possível entender que o destruído auto-respeito do protagonista abre mão do próprio bem estar de uma forma positiva dessa vez, afinal seu dever com a família é a única coisa na qual ele ainda não havia falhado (PIRES et al., 2014, p. 10).

No quarto episódio, *Gray Matter*, Walter recebe a proposta de que seu tratamento quimioterápico seja custeado por seus ex-sócios, Eliot e Gretchen. No passado, Walter ajudou-os a construir uma grande empresa, que dá nome ao episódio, *Gray Matter Technology*, mas vendeu sua parte por um valor muito baixo. Walter havia se envolvido amorosamente com Gretchen, que dividia os louros do crescimento da empresa com Eliot, enquanto Walter desperdiçou seu talento para química dando aulas numa escola secundarista, onde era mal pago e ainda humilhado pelos alunos. Assim,

dividido entre aceitar a ‘humilhação’ do dinheiro de seu antigo amigo e o desapontamento da família, Walt mente para ambos e se volta para Jesse, querendo restabelecer a parceria. Essa divisão das vidas de pai e criminoso do protagonista é interessante para entender sua evolução. A lembrança da má decisão de ter vendido sua parte na Gray Matter – empresa que o poderia ter deixado milionário – vem a tona bem no momento em que surge uma oportunidade diferente para Walt superar esse erro, só que dessa vez com sua habilidade ganhadora de Nobel a serviço dos negócios de metanfetamina (PIRES et al., 2014, p. 10-11)

É interessante observar que a doença não é o único condicionante do professor para conseguir dinheiro para a família, como motivação interna, mas Walter também é influenciado por fatores externos, culturais, dos quais fala Hall (2006), que o fazem almejar mais e mais dinheiro, ainda que de origem espúria. Lembremos da cena de seu aniversário. Antes mesmo de se descobrir com câncer, Walt já estava impressionado com a grande quantidade de dólares que foi apreendida por Hank, na operação transmitida no jornal local. Ele já desejava ter dinheiro antes. Ao recusar a ajuda de seus ex-sócios, Walter assume o caráter de individualização da modernidade líquida e tem a consciência de que o sucesso ou fracasso de seu empreendimento criminoso recairá sobre seus ombros.

#### **4 Um sujeito descentrado**

No penúltimo episódio da primeira temporada, *CrazyHandfulofNothin*, é traçado um novo paralelo entre a situação de Walter e suas aulas de Química na escola local: ele explica que, quanto mais rápida a velocidade das reações químicas, maior é a explosão. “Enquanto isso, na trama, as pessoas ao redor de Walter sentem os efeitos de suas mudanças e passam a sofrer as consequências destrutivas de seu comportamento”. (PIRES et al., 2014, p. 11).

Conforme avançam os efeitos colaterais da quimioterapia e os custos de seu tratamento, Walt exige que Jesse marque um encontro com um grande comprador dos “cristais”, o traficante e ex-presidiário Tuco. Só que, ao entrar no covil do criminoso, Jesse é espancado por ele e tem a metanfetamina roubada.

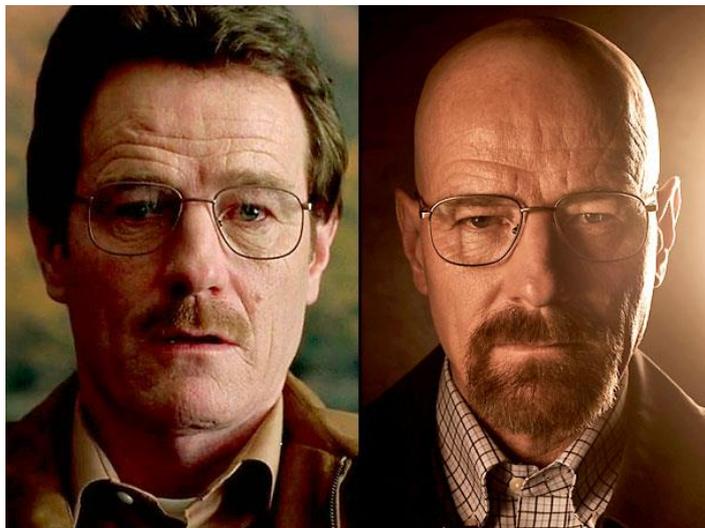
Na cena seguinte, ao perceber que seus cabelos estão caindo em consequência da quimioterapia, Walter decide raspá-los, um ato aparentemente externo, mas que mostra muito bem o processo de autoconstrução do professor, o surgimento de uma nova identidade.

A manifestação dessa nova identidade se dá quando Walter vai ao encontro do traficante Tuco e se apresenta a ele como Heisenberg. Ao assumir essa outra identidade, muito mais do que um mero codinome no submundo do tráfico, Walter torna-se um sujeito pós-moderno, de que fala Hall (2006), não mais sociológico. Diferentemente do sujeito sociológico, o sujeito pós-moderno não tem mais um núcleo, um “eu real”, mas sua característica é ser descentrado:

as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas [...] Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia [sic.] que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. Como observa o crítico cultural KobenaMercer, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (HALL, 2006, p. 9).

Dessa forma, Walter assume uma outra identidade completamente contraditória à sua anterior. A contradição, aliás, é uma característica essencial das identidades pós-modernas conceituadas por Hall (2006). Os telespectadores acompanham didaticamente a transformação desse sujeito sociológico em sujeito pós-moderno, descentrado, que não tem mais uma identidade fixa, sólida, mas que as alterna conforme o contexto social. Isso fica claro não só nas atitudes de Walter/Heisenberg, mas também em sua aparência, como mostra a imagem seguinte:

**Figura 1** - Walter e Heisenberg, duas identidades contraditórias num mesmo homem.<sup>5</sup>



Revelando-se como Heisenberg no covil de Tuco, Walter decide acertar as contas com o traficante e, mesmo cercado por capangas armados, explode boa parte da sala onde estavam reunidos com fulminato de mercúrio. A atitude extremada é incrivelmente aprovada por Tuco, que aceita negociar com Walter/Heisenberg a distribuição dos cristais de metanfetamina.

#### 4.1 Diagnóstico de Walter: mal-estar da pós-modernidade

O último episódio da primeira temporada, intitulado *A No-Rough-Stuff-Type Deal*, começa com uma reunião na escola onde Walter leciona, comandada pelo departamento de combate a entorpecentes da Polícia de Albuquerque, o DEA. O objetivo era esclarecer que estavam sendo tomadas as medidas cabíveis para conter a produção e venda de metanfetamina na cidade. Durante o debate, Walter se mantém disperso e começa a masturbar Skyler ali mesmo, na reunião. Na cena seguinte, os dois fazem sexo no carro, no estacionamento da escola, quando Skyler pergunta: “De onde veio isso? E por que foi tão bom?” Ao que Walter responde: “Porque é ilegal”.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.teleseries.com.br/relembre-episodios-que-marcaram-a-historia-de-walter-white-em-breaking-bad/>>. Acesso em: 18 maio 2017.

Ora, “Walter era um sujeito que estava travado pela moralidade que o cercava e que sofria pela falta de exacerbação de seus desejos, tanto profissionais quanto sexuais” (BRASILIANO, 2015, p. 42). Essa nova característica que emergiu na crise de identidade vivida por Walter remonta a outro pensamento de Bauman (1997) segundo o qual a pós-modernidade é o período da desregulamentação dos instintos humanos que tolham a sexualidade e agressividade do homem na modernidade.

O sociólogo defende esse ponto de vista na obra *O mal-estar da pós-modernidade*, que, por sua vez, dialoga com a obra de Freud (1930), intitulada *O mal-estar na civilização*.

Na verdade Freud preferia o termo cultura ao termo civilização, indicando características do modernismo a partir de uma troca entre expressões plenas da libido por um esforço na construção da cultura moderna, que exigia uma dose apreciável de contenção ou repressão. Para Bauman, citando Freud, “A civilização se constrói sobre uma renúncia ao instinto” e impõe “grandes sacrifícios” à sexualidade e agressividade do homem. “O anseio de liberdade, portanto, é dirigido contra formas e exigências particulares da civilização ou contra a civilização como um todo”. Trata-se de uma troca entre as possibilidades de gratificação por um quinhão de segurança, ao mesmo tempo em que há dificuldades inerentes à natureza da civilização que impedem qualquer tentativa de reforma.

A civilização ou cultura ou ainda modernidade troca sentidos com os termos beleza, limpeza ou ordem e consiste na compulsão à repetição de um regulamento estabelecido sem hesitação ou indecisão. Estão em jogo, aí, o princípio do prazer e o princípio da realidade. O mal-estar vem precisamente da limitação da liberdade de seguir as pulsões da libido em troca de mais segurança ante a ameaça inerente à fragilidade do corpo, a agressividade do mundo e dos vizinhos (LEÃO; CASTRO, 2013, p. 138).

Nesse sentido, ainda enquanto sujeito moderno, ou sociológico, para usar um termo de Hall (2006), Walter era tolhido pela “civilização” ou “cultura” sempre prezando pelos valores da “beleza, limpeza e ordem” (BAUMAN, 1997, p. 8), abrindo mão de sua liberdade para ter a segurança da família, do emprego, da vida dentro dos padrões civilizados. No entanto, ao se ver liquefeito, empregando o termo de Bauman (2000), Walter abriu mão dessa pretensa segurança em busca da liberdade que o tráfico de metanfetamina lhe poderia conceder, ainda que tivesse de arcar com as

consequências do uso dessa liberdade que o câncer lhe concedeu. Assim, muito mais do que câncer de pulmão, o diagnóstico de Walter é outro:

O personagem principal de *Breaking Bad* é um sujeito angustiado pelo **mal-estar da modernidade**, como vimos [...] A frustração e a angústia que criam a figura de Heisenberg vêm do desejo de felicidade a qualquer preço quando existe apenas pouco tempo de vida para se sentir pertencente a este mundo, dispondo das armas do poder sem se abalar da mesma forma que antes com os medos e as angústias dos riscos vividos por nossa sociedade. A criminalidade é uma válvula de escape, e, no caso de Walt, foi confessadamente prazerosa. É claro que Walt passou por um processo de transformação, a nova vida do crime pela qual optou e se sentiu vivo não se deu como em um virar de página (BRASILIANO, 2015, p. 46, grifo nosso).

É nesse sentido que caminha o último episódio da primeira temporada. Walter/Heisenberg rejeita os valores do que Freud (1930) chama de civilização, para seguir seus impulsos, suas “punções do mal-estar pós-moderno” (BRASILIANO, 2015, p. 40) em busca da liberdade, que também tem o seu preço. Todos esses processos de crise/choque de identidades, de autoconstrução de Walter/Heisenberg, serão trabalhados ao longo das demais temporadas da série.

## Considerações finais

Diante do exposto, observa-se que numerosos elementos do enredo da primeira temporada de *Breaking Bad* encontram eco nas teorias sobre a construção da identidade pós-moderna de que tratam, especialmente, Hall (2006) e Bauman (2000). Os sete episódios objetos da análise mostram a crise de identidade de Walter White, um sujeito à princípio sociológico, com um “eu real”, que se torna pós-moderno, ou seja, descentrado – não existe mais distinção entre o professor de química e o produtor de drogas Heisenberg; ambas as identidades marcadas por contradições intrínsecas, convivem num mesmo personagem.

As punções da pós-modernidade manifestas em Walter logo após descobrir um câncer no pulmão, revelam, na verdade, um sujeito angustiado por outro diagnóstico: *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*, de que fala Bauman (2000), dialogando com a obra *O*

*Mal-Estar da Civilização*, de Freud (1930). Para este, a modernidade fez com que os sujeitos abrissem mão da liberdade em detrimento da segurança, tolhendo seus instintos, notadamente os sexuais. Para Bauman (2000), a pós-modernidade, ou modernidade líquida, é a era da desregulamentação dos padrões de vida, tanto sexuais quanto de outras naturezas: moral, ética, cívica, profissional. É isso que Walter vive ao se ver liquefeito, descentrado, produzindo e comercializando drogas; matando pessoas ao mesmo tempo que dá aulas e convive com sua família.

## Referências

ANDRADE, Gustavo Henrique; PAULA, Glauber. **Walter White e empreendedorismo: Ações De Branding.** Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2016/resumos/R53-0677-1.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRASILIANSE, Danielle. **Chutando o balde:** representações do criminoso contemporâneo na série *Breaking Bad*. In: Revista Contracampo, v. 32, n. 2, ed. abril-julho ano 2015. Niterói: Contracampo, 2015. p. 36-53.

BREAKING BAD. Primeira temporada. Criador: Vince Gilligan. Intérpretes: Bryan Cranston, Aaron Paul, Anna Gunn et al. Estados Unidos. Sony Pictures, 2008. 3 DVDs (346min), son. color.

FIGUEIREDO, Jéssica Maria Brasileiro de. **Todos saúdam o rei:** análise da transformação do personagem Walter White na série de TV *Breaking Bad*. Disponível em: <[http://www.academia.edu/13848413/An%C3%A1lise\\_da\\_transforma%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_personagem\\_Walter\\_White\\_na\\_s%C3%A9rie\\_de\\_TV\\_Breaking\\_Bad](http://www.academia.edu/13848413/An%C3%A1lise_da_transforma%C3%A7%C3%A3o_do_personagem_Walter_White_na_s%C3%A9rie_de_TV_Breaking_Bad)>. Acesso em: 15 maio 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

LEÃO, Igor Zanoni Constant Carneiro; CASTRO, Demian. **A propósito de o mal-estar da pós-modernidade,** de Zygmunt Bauman. Disponível em: < file:///C:/Users/Samuel/Downloads/32947-135676-1-PB.pdf > Acesso em: 15 de maio 2017.

PIRES, Gabriel Pinheiro; PINTO, Marcella Maciel; MOURA, Luciana Teles. **Química do mal:** breve análise psicológica da moral na série *Breaking Bad*. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-0799-1.pdf>> Acesso em: 15 maio 2017.

PERIPOLLI, Monica Silveira. **A química de Walter White:** construção do anti-herói na narrativa de *Breaking Bad*. Disponível em: <[http://repositorio.ufsm.br:8080/xmlui/bitstream/handle/1/1778/Peripolli\\_Monica\\_Silveira.pdf?sequence=1](http://repositorio.ufsm.br:8080/xmlui/bitstream/handle/1/1778/Peripolli_Monica_Silveira.pdf?sequence=1)> Acesso em: 15 de maio 2017.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter:** as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999.